

A Plendor, meu rei e velho amigo,

Escrevo-te como quem acende uma vela diante de um túmulo que ainda fala. Pois tu, embora não tenhas pisado Uriath, a sonhaste com tal fervor que fizeste dela terra fértil em teu coração. Se não te foi dado vê-la com os olhos, ao menos a conhecerás pelas minhas palavras, que aqui verto como sangue antigo, ainda quente.

Lembras-te das noites em que, sob os arcos de mármore da corte, falávamos de mundos além do mapa? Eu escutava, mas tu viajas. Eras rei, e mesmo assim querias partir. Eu, exilado de tudo, ansiava por ficar. Mas coube a mim o fardo da travessia. Parti por ti, Plendor — e o que vi não é mais meu. Uriath não é apenas um lugar: é um espelho que sangra quando olhado com desejo demais. Tu sonhavas com beleza, com nobreza, com terras intocadas onde a alma pudesse enfim repousar. Mas o que encontrei foi outra coisa. Um mundo quebrado, como todos os mundos. Um caminho sem hinos, com pedras demais e lágrimas de menos.

O que segue, portanto, não é uma história — é um rito. Um fragmento daquilo que devorou nossos nomes. Que esta crônica sirva, ao menos, para que tua sede não morra sem um gole. Que possas, ao lê-la, sofrer comigo. Pois há glória no sofrer bem — e quem não sofreu não conheceu Uriath.

A estrada se abria diante de nós como uma veia antiga exposta ao sol. Já não pulsava. Era uma linha gasta, sulcada por rodas de carroças esquecidas, marcada por pés que há muito não têm nome. Por ali passaram reis que ninguém mais venera, amantes que a terra tragou sem lamento, exércitos que perderam até o eco dos seus gritos. E agora, apenas nós. Apenas poeira e ausência.

A carroça rangia como um velho sacerdócio que insiste em continuar o rito, mesmo depois que os deuses foram embora. Cada pedra solta sob as rodas parecia um espinho zombeteiro, e a terra — dura, rachada, cega — não se curvava a ninguém. Era como se o chão dissesse: “Não vos reconheço.”. Gergul, nosso cocheiro, reagia a cada solavanco como um ator ferido. Seus gemidos não pediam socorro; pediam compaixão. Coçava o traseiro com a solenidade de quem perde uma parte da dignidade a cada quilômetro.

— Que estrada miserável! — exclamou, apertando o chapéu sobre a cabeça como se quisesse apagar os anos com o peso das mãos.

Era feito de camadas, todas rudes. A pele, curtida por tempestades. O nariz, um mapa de antigas contendidas. A barba, um bosque grisalho onde nenhum pássaro cantaria. Gergul não tolerava nada, exceto o próprio resmungo. Já cruzara desfiladeiros famintos, rios em fúria, picos que rasgavam o ar — mas bastava uma pedrinha fora do lugar para acender-lhe o inferno.

Ao seu lado, encostada na lateral da carroça como se buscasse uma fuga que não houvesse, Amidála ardia. O suor colava as roupas ao corpo como uma maldição. Seus olhos semicerrados não denunciavam cansaço: eram feitos de raiva silenciosa. Havia nela uma juventude calcinada — o tipo que conhece demais e confia de menos.

— Senhor, pode parar um pouco? Está muito quente — disse ela, com a voz firme de quem já está no limite, mas ainda escolhe não gritar.

— Detesto quando me chama de "senhor"... assim parece que a morte me espreita — rosnou Gergul, ajeitando o chapéu com uma vaidade quase patética.

Haviam-se passado nove luas desde nossa partida. Danfim, o destino prometido, ainda não passava de um borrão empoeirado no horizonte. Uma miragem costurada por promessas. E a estrada — esquecida por reis, abandonada por deuses — continuava a sangrar sob nossas rodas. Ao redor, os campos mortos se estendiam como um lamento seco. A vida já se fora dali. Nem os corvos restavam para cantar a morte. E o silêncio era tão espesso que se ouvia o cansaço dos nossos pensamentos.

O calor era uma presença cruel, e o ar, um punhal invisível. O suor não mais refrescava: apenas denunciava o sofrimento. Os lábios, rachados, não imploravam por água — imploravam por fim. E os pensamentos, esses traidores

íntimos, se escondiam atrás da testa, murchando como flores sob cinzas. Restava-nos um cantil pela metade — ou meio vazio, dependendo da esperança de quem o olhasse. E uns aos outros, o que nem sempre era dádiva. Às vezes, éramos carga.

— Vamos, Gergul. A garota tem razão. Eu não aguento mais — murmurei, a garganta arranhada, como se cada palavra exigisse uma oferenda de sal.

— Ben, vê se presta pra alguma coisa e verifica quanto de água ainda temos — retrucou Filemon, com aquele tom seco que parecia não insultar, mas arrancar a carne ao redor do osso.

Filemon era a pedra que recusa o entalhe. Não via sentido em registrar memórias, não compreendia por que alguém perderia tempo com palavras enquanto o mundo insiste em morrer aos poucos. Para ele, viver já era tortura suficiente. E em parte, ele tinha razão. Pois escrever é o último refúgio dos desarmados.

Mesmo assim, obedeci. Ben Ahfkael sempre obedece. Não por servilismo, mas porque aprendeu que há guerras que só se vencem calando. Alguns fardos pesam menos quando carregados com silêncio.

Verifiquei os cantis. Um deles ainda guardava metade da esperança. O outro, vazio como nossos olhos. Aquilo era tudo o que nos separava do desmaio, ou da morte. Da rendição que só o calor impõe sem armas. Vento, nosso cavalo, já não era o trovão de outrora. Relinchara como um arauto nos primeiros dias. Agora, arrastava-se como um presságio esquecido. Seus olhos — vidraças opacas de um templo abandonado — diziam tudo o que nenhum de nós ousava confessar: já não se sonhava em chegar.

— Minhas pernas estão doendo, Gergul. Vamos parar. Só por um momento... — Amidála pediu, mais uma vez. Sem súplica. Só exaustão.

— Vocês não fazem ideia do que é dor! Não podemos parar ou então...

E ele calou. Todos calamos. Éramos cinco. Agora, apenas quatro. A ausência tinha nome. E memória.

A missão anterior pairava sobre nós como um vulto que não aceita repouso. A floresta de Tirgwood... Ah, Plendor — como te descrever algo que não cabe em palavras humanas? Aquelas árvores molhadas jamais se calavam. Murmuravam segredos velhos demais para serem ouvidos sem consequência. Seus galhos, longos e retorcidos, se entrelaçavam como dedos disformes de uma entidade viva. E as trilhas...

As trilhas mudavam.

Sim. Mudavam sob nossos pés. Caminhávamos e, sem saber, voltávamos. Avançávamos, e o próprio chão nos traía. Como se a floresta decidisse, a cada instante, se merecíamos continuar. Diziam que ali, nas entranhas envenenadas de Tirgwood, repousava um artefato. Uma relíquia de império extinto, tão antiga quanto a mentira e quase tão poderosa quanto a morte. Era ele que precisávamos — pois a princesa de Danfim definhava. A vida escapava dela como névoa entre os dedos. Nenhum remédio bastava. Nenhum encantamento detinha o vazio.

Caminhamos. Lutamos. Sangramos. E então... a caverna. Um rasgo na terra. Uma boca sem nome, negra como culpa. Dentro dela — não um monstro, mas uma era. O dragão. Não falo aqui de criatura alada de contos infantis. Falo de um ser que fazia o tempo hesitar. Seus olhos — dois sóis mortos — ardiam com memórias de mundos destruídos. Quando nos fitou, algo em nós envelheceu. Não lutamos. Fugimos.

Todos, menos uma. Nuaria Von Kerk ficou. Não sei se para dar-nos tempo. Ou porque decidiu lutar. Ou, talvez, porque teve medo demais para fugir.

Nunca saberei. O grito dela... Ainda o ouço. Sempre o ouço.

— Dá pra calar a boca?! — estourou Filemon, a voz rasgando o ar como aço frio. — Ninguém quer lembrar disso agora, cara.

A dor também é história, pensei. Mas calei-me. Nem sempre a verdade encontra ouvidos. Filemon se ergueu com a fúria de quem precisa esmurrar o mundo para não quebrar por dentro. Mas tropeçou. O tombo foi pequeno. O vexame, descomunal.

— Ai, caralho! Qual o seu problema?!

— Por que você fez isso, Filemon?! Calma! — Amidála correu, como sempre corria. Tentando apagar incêndios com a alma.

— Me proteger? Você acha mesmo que precisa me proteger, Amidála? Vai fazer o quê, Ben? Vai me escrever como se eu fosse só mais um personagem? Você é patético!

Ele chorava. Não de raiva. De cansaço. Chorava por Nuaria. Por si mesmo. Por estarmos vivos demais para sermos fantasmas, e mortos demais para sermos homens inteiros.

— Cala a boca, Ben... por favor... — disse Amidála. Sem força. Sem raiva. Só como quem precisa que o mundo, por um instante, se cale.

— Tudo bem... me desculpe — respondi.

Minha pena pesava como espada. Mas jamais feriu o suficiente para proteger alguém. Sentamo-nos, enfim, em silêncio. O tipo de silêncio que não se deve perturbar. E todos olhamos para o horizonte. Não por esperança — mas porque já não tínhamos coragem de olhar uns para os outros.